

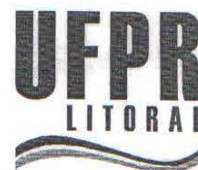


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ-SETOR LITORAL
PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM
ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS**

CRISTIANE DA SILVA PINTO PEREIRA

**PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE NA LUDICIDADE COM
ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**MATINHOS, PR
JUNHO/2014**



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela Orientadora, Professora Mestre **NEUZA MARIA TAUSCHECK**, realizaram em 27/06/2014 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **CRISTIANE SILVA PINTO PEREIRA**, sob o título "*PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE NA LUDICIDADE COM ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL*", para obtenção do Título de *Especialista em Educação Ambiental com ênfase em espaços Educadores Sustentáveis* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante recebido conceito "APL".

Matinhos, 27 de junho de 2014.



Profª Msc. NEUZA MARIA TAUSCHECK



Esp. JOÃO RAFAEL DERON



CRISTIANE SILVA PINTO PEREIRA
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ-SETOR LITORAL
PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM
ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS**

CRISTIANE DA SILVA PINTO PEREIRA

**PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE NA LUDICIDADE COM
ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Relatório de Projeto de Intervenção apresentado ao programa de Pós-graduação em Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis da UFPR - Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental.

Professora Orientadora: Neusa M.
Tauscheck

**MATINHOS, PR
JUNHO/2014**

CRISTIANE DA SILVA PINTO PEREIRA

**PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE NA LUDICIDADE COM
ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Este relatório de intervenção foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de Especialista em **Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis**, da UFPR, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Matinhos-PR_____/_____/_____

Lenir Maristela Silva

Coordenadora do Curso

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a) Dr.(a)

.Prof.(a) Dr.(a)

.Prof.(a) Msc.(a)

Dedico esse trabalho a minha filha, Natália da Silva Freire e ao meu marido e companheiro de todas as horas, Ednilson Modesto Pereira, pela paciência e pela compreensão durante o tempo em que tive que dedicar uma grande parcela do meu tempo livre a este trabalho.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	1
2. OBJETIVOS	2
3. JUSTIFICATIVA	3
4. METODOLOGIA	6
5. AVALIAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA	11
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21
ANEXOS	24

APRESENTAÇÃO

O presente projeto de intervenção em Educação Ambiental foi criado a partir de um problema presente na comunidade onde foi aplicado. Trata-se de uma região que convive com o crescente aumento das indústrias portuárias, tomando conta da região onde antes havia residências, da existência de um rio (Emboguaçu), que também é bastante prejudicado pela falta de infra-estrutura adequada, recebendo o esgoto de boa parte da região, além de lixo que a própria comunidade ali despeja. Também existe o crescente número de caminhões e carretas que trafegam pela Avenida Bento Rocha, que liga ao Porto de Paranaguá, que fica ao lado da escola, e que acaba sujando ainda mais a região. Dessa forma, as crianças que moram nessa região convivem diariamente com vários tipos de poluições ambientais, tanto na questão do lixo, do barulho causado pelo tráfego intenso de veículos ao lado da escola, poluição do ar pelas indústrias que se fixaram nos arredores da escola e que em determinado horário do dia liberam uma fumaça bastante incômoda, da situação das alagações no bairro, sempre que ocorrem chuvas constantes, impossibilitando assim que as crianças se desloquem para a escola nesses dias.

O principal foco do projeto de intervenção Ambiental foi trabalhar sobre o meio ambiente com as crianças do 1º ano, tentando mostrar-lhes a importância de proteger o meio em que vivem, despertando nelas essa noção de respeito e preservação do meio ambiente e a preocupação com o futuro da região em que vivem, de forma a torná-los cidadãos conscientes.

A ludicidade foi a maneira encontrada para sensibilizar as crianças para essas questões tão importantes e atuais, tornando essa aprendizagem também uma prática divertida e prazerosa.

OBJETIVO GERAL

Aprofundar as pesquisas teóricas sobre a aprendizagem lúdica de saberes ambientais com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Despertar nas crianças os valores e ideias de preservação da natureza e o senso de responsabilidade para com as gerações futuras;

Sensibilizar através de atividades lúdicas e aulas de campo sobre o uso sustentável dos recursos naturais através de suas próprias ações;

Estimular para que percebam a importância do homem na transformação do meio em que vive e o que as interferências negativas têm causado à natureza;

JUSTIFICATIVA

Um marco no Brasil relacionado às questões do meio ambiente refere-se à introdução da Educação Ambiental nos Parâmetros Curriculares Nacionais, como tema transversal a ser trabalhado, interligando as áreas do conhecimento presentes no currículo escolar, isto é, de forma transdisciplinar e interdisciplinar.

Assim sendo, a Educação Ambiental não deve ser vista como uma disciplina isolada no Ensino Fundamental e Médio, pois o caráter da Educação Ambiental deve ser sistêmico e integrador, não delegando dessa forma a responsabilidade unicamente a uma determinada disciplina. O tema é abrangente, e por esse motivo deve ser incorporado por várias disciplinas para melhor aproveitamento e aprendizagem dos saberes ambientais, transformados em conteúdos escolares.

Sato (2003) destaca ainda que a Educação Ambiental deve favorecer a ludicidade, o dinamismo e a brincadeira como método para favorecer a discussão ambiental. Dessa forma, a introdução da temática ambiental nos currículos deve partir de atividades diferenciadas que conduzam os alunos a serem agentes ativos no processo de formação de conceitos, sendo o professor o mediador do processo ensino e aprendizagem, é ele o responsável por introduzir novas metodologias favorecendo a introdução da Educação Ambiental, buscando como instrumentos a relação entre a ciência e a literatura, dando ênfase a ludicidade, de forma a instigar as crianças a perceberem o meio ambiente através do imaginário, do lúdico, transportando depois esse conhecimento para o concreto, transformando a aprendizagem em algo divertido e interessante.

Piaget (1998) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável a prática educativa (Aguilar, 1977:58)

O lúdico não está apenas no ato de brincar, mas também no ato de ler, no apropriar-se da literatura como forma natural de descobrimento e compreensão do mundo. Atividades de expressão lúdico-criativas atraem a atenção das crianças e podem se constituir em um mecanismo de potencialização da aprendizagem. Atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento motor e psicomotor das crianças em suas atividades, principalmente em escolas de pequeno porte (Escolas pequenas são alternativa, 2001).

No texto, o leitor tem dois papéis: o papel individual e o papel coletivo. Interagir com o seu personagem e ao mesmo tempo interagir com o grupo. “Na verdade, a atividade lúdica é uma forma de o indivíduo relacionar-se com a coletividade e consigo mesmo.” (Amarilha, 1997:88)

Defende essa autora que o prazer e a ludicidade dependem diretamente da compreensão do texto e que ambos podem ser ensinados. Sobre a concepção da figura do livro como brinquedo, acredita-se que esta visão só vem a contribuir na formação de um futuro leitor, Cunha (1997:29) afirma que: “Objetos, sons, movimentos, espaços, cores, figuras, pessoas, tudo pode virar brinquedo através de um processo de interação em que funcionam como alimentos que nutrem a atividade lúdica, enriquecendo-a.”

A escolha dos materiais para utilizar em sala de aula servirá como fonte de informação, mas não deverão ser usados com exclusividade, devendo ser, portanto, materiais com grande diversidade, como livros de literatura infantil, revistas, jornais, propagandas, filmes, fazendo assim com que o aluno sinta-se inserido no mundo em que vive, e não como algo separado do meio ambiente. Afinal, é comum que o aluno não se sinta como parte do meio ambiente, que tenha uma visão distorcida de que o meio ambiente é algo separado do ambiente em que ele vive cotidianamente. A Educação ambiental tem a responsabilidade de mostrar que o indivíduo é parte integrante desse meio ambiente, e que com qualquer ação no seu dia-a-dia ele estará influenciando o mundo a sua volta. Por isso é de extrema importância mostrar para a criança que ela é um indivíduo e que suas ações cotidianas podem influenciar sim, e muito, o ambiente em que vive.

É necessário lembrar também que os conteúdos devem ser discutidos e trabalhados coletivamente, não apenas com os conhecimentos do professor, que tem a sua leitura individual do mundo, mas também dos educandos, aliando inclusive os saberes tradicionais e científicos.

Segundo Freinet, a valorização do saber do aluno é um instrumento pedagógico fundamental, pois pode atender a qualquer criança, independente do seu nível socioeconômico, já que por meio da cooperação, influencia a ajuda mútua entre os educandos.

Para Freinet, as técnicas de ensino devem complementar o dia-a-dia escolar, porque o aluno tem de se sentir motivado, interessado em aprender, em ir à escola. A sua proposta é de uma pedagogia que procura se adaptar à

realidade social e cultural do morador de favela, de cortiço, casa ou mansão.
(SCARPATO, 2004, p. 88)

Todas essas características devem ser levadas em consideração quando se trabalha a Educação Ambiental na escola, no entanto, o professor deve utilizar essa experiência para descobrir e aprender junto com os educandos, agregando valores a sua forma de entender a educação. Fazer com que essa experiência sirva como o alicerce para um novo conceito de sociedade, mais realista e principalmente mais consciente.

METODOLOGIA

Elaborei o presente projeto de intervenção afim de que fosse concretizado na Escola Municipal Randolpho Arzua, situada na Vila Portuária, no município de Paranaguá-PR.

Trata-se de uma Pesquisa Qualitativa que, segundo GODOY (1995), pode ser enumerada em um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo:

1. O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
2. O caráter descritivo;
3. O significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida como preocupação do investigador;
4. Enfoque indutivo.

Sabemos que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha principalmente com a informação coletada pelo pesquisador e não é expressa apenas em números. Dessa forma, os dados qualitativos incluem também informações que não são expressas em palavras, tais como pinturas, fotografias, desenhos, filmes, vídeo e até mesmo trilhas sonoras (TESCH, 1990).

A escolha da escola se deu por eu ser professora de uma turma do 1º ano do ensino fundamental dessa mesma escola, e ao pensar sobre como trabalhar a questão do meio ambiente com os meus alunos, notei que existe certa dificuldade de entrar nesse tema, além das crianças contarem também com poucas oportunidades de conhecer sobre como interagir com o meio ambiente fora da escola. A ausência do Estudo do Meio como prática pedagógica, é algo inadmissível, já que são crianças inteligentes e de rápida absorção de informações e conhecimento, além de terem seus próprios saberes que devem ser valorizados e aprimorados. Para Vygotsky (1982), o sujeito é ativo, ele age sobre o meio. Para ele, primeiramente somos sociais e posteriormente nos individualizamos.

Teresa Cristina Rego (2002, p. 98), descreve a Teoria Vygotskyana:

Em síntese, nessa abordagem, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de

verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem.

Na realidade, o estudo do Meio não é uma prática pedagógica nova, pois como podemos notar, já foi estudada e rendeu ótimos resultados também segundo Celestin Freinet (1896-1966), e tem como objetivo principal proporcionar um contato mais próximo com a realidade, fazer com que o aluno conheça e estude além das paredes da sala de aula e depois registre essa experiência.

[...] toda e qualquer experiência tateada é preferível a uma experiência passiva. Afirmou que o aluno tem uma necessidade permanente de experimentar, tocar, mexer, explorar. No seu entender, o aluno não pode ser visto apenas como um expectador do processo ensino-aprendizagem. Ele considerava ao aluno o centro de sua própria educação, o aluno, para ele, não é um adulto isolado, mas faz parte de uma comunidade, assume e participa da organização da vida da classe. Suas dificuldades e barreiras a impulsionam a estabelecer e compreender as regras da vida. (FREINET, 1973 citado por SAVELI, ET AL. 2005, p. 05)

A escola fica em uma região repleta de problemas ambientais. Inicialmente, posso citar que se localiza em um bairro onde as indústrias de fertilizantes estão em plena expansão, tanto que em grande parte da localidade, os moradores do bairro foram indenizados pelas indústrias e passaram a residir em outros bairros distantes, para que essas indústrias possam se expandir ainda mais. Por diversas vezes, o cheiro que vem das indústrias é bastante desagradável.

A localização da escola também é perigosa, pois fica à beira da Avenida Bento Rocha, que dá acesso ao Porto de Paranaguá, tendo assim, um tráfego intenso de caminhões no seu entorno, não só atrapalhando com barulho e sujeira, mas também tornando-se um perigo para as crianças que precisam atravessar a via para ir assistir aula. Há ainda o problema com as chuvas, pois cada vez que há uma chuva intensa, a entrada da escola fica totalmente alagada, assim como algumas casas próximas. Unindo o problema dos resíduos sólidos dos caminhões que caem nas vias - grãos de uma forma geral que ao se decomporem causam mau cheiro e os alagamentos frequentes, outro problema surge amedrontando à comunidade: a proliferação de

ratos e por consequência, os casos de leptospirose, que já vitimou muitas pessoas do bairro.

Em um bairro próximo, há o rio Emboguaçu, rio esse que está cada vez mais poluído, pois as pessoas constroem suas casas a sua margem, destruindo a área de manguezal e, a empresa local responsável pelo saneamento básico não faz a ligação do esgoto dessas casas, sendo assim os dejetos são jogados diretamente ao rio, além de outros tipos de objetos e lixo que são despejados nele. Esse mesmo rio fornece alimento e um meio de renda à comunidade, como peixes e crustáceos. Nas proximidades desse rio, na década de 90, foi encontrado um foco de cólera, onde teve a intervenção do Ministério da Saúde, colocando a cidade na mídia nacional. Por isso achei importante trabalhar dentro do projeto sobre alguns desses problemas, mostrando aos alunos como podem fazer para melhorar o ambiente em que vivem, além de mostrar que eles também fazem parte do seu meio ambiente, como indivíduo pensante e integrante, onde suas atitudes podem colaborar muito para melhorar (ou piorar) a região onde vivem. Esta opção de projeto de intervenção possibilita o trabalho com o saberes ambientais de forma significativa.

Escolhi trabalhar utilizando a ludicidade e o imaginário como base, por se tratar de um projeto direcionado para crianças do 1º ano do ensino fundamental, e por terem tanto interesse por literatura e vídeo. Assim puderam, além de desenvolver o imaginário, também aprender mais sobre o meio ambiente de uma maneira agradável e divertida.

A aula-passeio caracterizou-se como ponto fundamental do projeto, já que através dela, pode-se ver a realidade em alguns momentos e aprender como evitar determinadas situações de deteriorização do meio ambiente. Freinet foi o primeiro a perceber a importância dessa prática e valorizava muito esse momento, explorando a curiosidade e a sensibilidade infantil através dessas aulas de campo ou aulas passeio:

A aula-passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar, sonolento, diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde partia, com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia. Ao atravessarmos as ruas, parávamos para admirar o ferreiro, o marceneiro ou o tecelão, cujos gestos metódicos e seguros nos inspiravam o desejo de os imitar. Observávamos os campos nas diversas estações: no inverno, víamos

os grandes lençóis estendidos sob as oliveiras para receber as azeitonas varejadas; na Primavera, as flores de laranjeira em todo o seu encanto, as quais pareciam oferecer-se às nossas mãos; já não examinávamos, como professor e alunos, em torno de nós, a flor ou o inseto, a pedra ou o regato. Sentíamos-los com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave morta. (FREINET, 1975, p.23)

Os procedimentos de pesquisa, a princípio, foram divididos em quatro momentos:

1º) Apresentação do tema aos alunos. Conversa dirigida a respeito do tema: Abertura para que os alunos pudessem expor sua visão de meio ambiente, valorizando o conhecimento prévio do aluno, interpretações, opiniões sobre o meio ambiente; a situação atual deste meio; ilustrações sobre o tema: “Pra você, o que é Meio Ambiente?” (Anexo I); exibição de vídeo educativo infantil da Turma da Mônica (Maurício de Souza): “Um plano para salvar o planeta” que trata da questão da preservação do meio ambiente trazendo a importância de se preservar a natureza e os problemas que a poluição pode causar ao meio ambiente. Também houve uma explicação sobre a importância de Reciclar, Reaproveitar, Reutilizar, respeitando a vida e a ecologia. Os alunos retrataram também por meio de ilustrações, o seu entendimento sobre o vídeo assistido. (Anexo II)

Nesse primeiro momento a expectativa era de que os alunos pudessem opinar e dar a sua contribuição com os seus *pré-conceitos* a respeito do meio ambiente e como avaliavam o ambiente em que vivem, especificamente a sua escola, sua casa, sua rua, seu bairro, sua cidade.

Após isso, foram feitas leituras de histórias de literatura infantil relacionadas ao meio ambiente, releitura oral por parte das crianças e elaboração de ilustrações sobre a interpretação de cada história. (Anexos III, IV e V)

2º) Reciclagem - explicação sobre a reciclagem, sua importância e como é feita. Visualização das latas de lixo de coleta seletiva na escola, apresentando que cada cor de lata recebe um tipo de lixo. Execução de alfabetização de caráter ambiental, como a apresentação os símbolos da reciclagem que são usados para cada tipo de material, no mundo inteiro. Da mesma forma como foi feito nas etapas anteriores,

nesse momento os alunos puderam interferir nas aulas dizendo se já conheciam o assunto tratado e se já utilizavam as latas de lixo da maneira correta no seu cotidiano.

3º) Aula Passeio: Com o objetivo de proporcionar à turma um passeio onde eles pudessem conhecer mais intimamente os animais marinhos e o ambiente em que cada um deles vive, como a temperatura ideal da água para cada espécie e até a quantidade adequada de luz que cada um pode receber, para que dessa forma os alunos pudessem perceber que o meio ambiente está repleto de vida, além das nossas, e que a poluição desse meio ambiente afeta todos os seres vivos, inclusive aqueles que eles nem sequer conheciam. Apresentação das diferentes partes do lixo produzido na cidade através de diferentes atividades pedagógicas. Elaboração de desenhos sobre a preservação do meio ambiente e dos rios. Nesse segundo momento o foco foi identificar as práticas corretas e incorretas, ao mesmo tempo em que conheciam novas espécies. (Anexo VI)

4º) Preparação para a exposição dos trabalhos e fotos de alguns momentos do projeto.

Todas as etapas foram fundamentais para que o projeto de intervenção tivesse, de fato, um significado na aprendizagem das crianças, tendo assim uma introdução ao assunto, rodas de conversa, ilustrações, exibição de vídeo educativo e a finalização com a aula-passeio, depois que as crianças já estavam esclarecidas e entrosadas com o tema.

AVALIAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA

Para entendermos a Educação Ambiental, nosso primeiro olhar deve estar voltado para a Educação. Qual é o papel da Educação, afinal? Segundo Saviani (1997), o homem de hoje é resultado daquilo que criou como espécie, mas, sobretudo, como ser histórico. Assim, ao transformar a natureza para criar a humanidade, o homem construiu uma série de conhecimentos e técnicas, as quais tornaram-se imprescindíveis para a adequação dos indivíduos ao ambiente. Essa transmissão de conhecimentos e técnicas entre gerações nada mais é do que um ato educativo.

Assim, podemos dizer que a Educação nada mais é do que a transmissão e a assimilação de conhecimentos, valores, condutas e práticas produzidos historicamente, sem as quais o ser humano jamais se produziria como tal.

A Educação Ambiental tem firmado seu importante papel na formação do indivíduo, contribuindo assim para o exercício da sua cidadania.

As questões ligadas ao meio ambiente foram inseridas no panorama da Educação no Brasil através dos Parâmetros Curriculares Nacionais, como tema transversal a ser trabalhado englobando todas as áreas do conhecimento escolar. Ou seja, a Educação Ambiental deve estar inserida nos currículos de forma transdisciplinar e interdisciplinar, estimulando a noção de complexidade e abrangência das questões ambientais. Sato (2003, p.24) descreve que “o ambiente não pode ser considerado um objeto de cada disciplina, isolado de outros fatores, mas deve ser abordado como uma dimensão que sustenta todas as atividades e impulsiona os aspectos físicos, biológicos, sociais e culturais dos seres humanos”.

Essa visão abrangente desmistifica aquela de que a Educação Ambiental deve se transformar em uma disciplina escolar. Segundo Carvalho (2004), tanto nos PCNs quanto na Política Nacional de Educação Ambiental a inclusão de uma disciplina da área ambiental é rejeitada para os Ensinos Fundamental e Médio, podendo, se necessário, ser adotada no Ensino Superior. Afinal de contas, o caráter da Educação Ambiental deve ser sistêmico e integrador, e não acomodado a uma disciplina (CARVALHO, 2004).

Além disso, sabe-se que educar não é exclusividade do ensino escolar, já que todos os indivíduos possuem uma leitura de mundo antes mesmo de ter o contato

com a escola: as vivências práticas, cotidianas, do mundo do trabalho, espiritual, o que complementam o ser humano em todos os âmbitos da sua vida e de sua relação com o ambiente.

Assim, em contraposição com uma didática abstrata e imóvel, Freinet propõe saídas ao ar-livre, pois acreditava que o maior interesse das crianças estava no que acontecia fora da escola, e não nela. Essas saídas descompromissadas e sem cobranças, para as crianças observarem a natureza tornam-se aos poucos aulas-passeio, quando passa a haver a preocupação de se fazer um relato de todos os acontecimentos que chamaram a atenção das crianças ao longo do trajeto.

Freinet tinha a convicção de que a aula-passeio “não era tempo perdido pois todas as disciplinas escolares tiravam proveito disso.” (FREINET, 1976, p.24). Ele costumava dizer que era como se fosse um “filme que se desenrolasse em sequências rápidas, onde a geografia, a história, a aritmética, as pequenas e grandes ciências e, por vezes, a grande paixão humana, captadas em estudos espontâneos, significavam a aurora de um domínio do mundo.” (idem, p.24)

A Educação Ambiental deve, portanto, instrumentalizar o indivíduo para entender e agir de maneira autônoma, através das relações sociais, sobre a sua própria realidade histórica, auxiliando na promoção de indivíduos críticos e reflexivos capazes de pensar e repensar sua própria prática social.

Para trabalhar com a Educação Ambiental, é importante lembrar que existe uma longa distância entre informar e formar. Por isso, não basta transmitir inúmeras informações sobre o que se pode e o que não se pode fazer para melhorar o ambiente, mas sim, formar cidadãos que conheçam essas questões, mas que não só ouçam, e sim se comprometam com as mudanças necessárias para garantir essa qualidade ambiental de forma autônoma e responsável.

Em qualquer situação, tanto em cada pessoa, individualmente, quanto conectivamente, no interior de pequenos grupos ou equipes dentro de uma turma de alunos, ou envolvendo toda a turma, há um trânsito contínuo entre o-que-já-se-sabe e o-que-se-vai-saber: um intervalo desigualmente sempre transponível entre aquilo que se reconhece como um-saber-da-turma (de um grupo e, na sua unidade menor, de um aluno individualmente), como algo já-apreendido, e aquilo, muito próximo, que-ainda-não-se-sabe: aquilo que está-para-ser-aprendido, que vai-ser-aprendido. Que será aprendido como a fração cultural do saber socialmente disponível. A fração de algum

conhecimento, valor ou o que seja, vindo da experiência vivida, vinda de algum ramo da ciência, vindo da literatura, vindo de... que o contexto das interações entre as pessoas “ali” criou. E que, então, cada um individualmente, cada pequena unidade afetiva e relacional de uma “turma de alunos” irá incorporar aos seus processos e às suas estruturas cognitivas de conhecimento-aprendido-e-agora-sabido. (Brandão, 2003, p.116-117)

A elaboração de um projeto de Educação Ambiental para os alunos do 1º ano do ensino fundamental foi, de fato, um grande desafio.

A primeira dificuldade que encontrei foi a necessidade de utilizar uma metodologia que conseguisse atingi-los a ponto de ser uma atividade significativa na sua aprendizagem.

A abordagem desse tema no que se refere a aprendizagem possibilitou situações ricas , tendo em vista a região em que as crianças moram, e onde a escola está localizada, com problemas ambientais mal resolvidos e pouco comentados.

A surpresa que tive foi a receptividade em trabalhar com as crianças, a participação deles em todas as atividades e principalmente os pré conceitos que eles já tinham a respeito de meio ambiente, os seus saberes que enriqueceram muito mais o trabalho.

Para iniciar o projeto, realizei uma conversa informal com a turma, lançando a pergunta: “Para vocês, o que é meio Ambiente?” As respostas surpreenderam-me muito. Confesso que acreditei que a grande maioria deles nunca tivesse ouvido falar do tema, ou não tivesse uma noção sobre questões ambientais, mas foi necessário a minha intervenção para que cada um deles pudesse falar o que sabia sobre o tema na sua vez, para que eu pudesse entendê-los. Além disso, a maioria também tinha até soluções para melhorar o meio ambiente.

Um deles disse: “Meio ambiente é não jogar o lixo no chão...” Outro então completou: “ É cuidar dos animais e das plantas também...” E assim foi. Uma resposta após a outra, com ideias e críticas sobre a poluição do meio ambiente. Depois disso, conversamos sobre o meio ambiente em que vivemos e que o meio ambiente também é a escola, a rua em que moram e a sua casa. Perguntei se eles conheciam alguém que poluía o meio ambiente, e rapidamente um aluno se levantou e disse que tinha um vizinho que acumulava o lixo do lado de sua casa, num terreno

e disse que isso o incomodava muito. Outro disse que a sua avó acumulava lixo e que isso era errado. Logo, todos começaram a relatar os problemas ambientais com os quais conviviam, e algumas situações eram bastante parecidas.

“Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela --- saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes.” (FREIRE, 2010, p.30)

Depois que todos contaram suas experiências, contei-lhes uma história: O Macaco Maneco. A história fala de um macaco que é retirado do seu habitat natural para viver em um zoológico, devido à devastação da mata onde vivia. Após contar a história, conversamos sobre, e em seguida sugeri que fizessem um desenho sobre uma cena da história que tinha lhes chamado mais a atenção. (Anexo III)

Dessa forma, os alunos sentiram-se sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, elaborando trabalhos de ilustração com base na livre expressão, a qual:

(...) respeita a inspiração da criança quanto à forma, ao tema e ao tempo para sua realização. Pode, portanto, ser também um desenho, um poema, etc. (LOPES, 2001, P.2)

Foram feitas mais duas aulas utilizando essa mesma didática, utilizando a literatura e o reconto por parte das crianças através de ilustrações. Pude notar que essa metodologia sensibilizou-os ainda mais com relação aos problemas ambientais, principalmente por perceberem que os animais e plantas são também grandemente prejudicados com esses problemas.

Fizemos um combinado, de que todos, ao ir embora pra casa, olhassem nos arredores da rua e se encontrassem algum tipo de poluição do meio ambiente, que relatassem na próxima aula, demonstrando sua percepção com relação ao ambiente em que estão inseridos.

Percepção é informação na medida em que a informação gera informação: usos e hábitos são signos do lugar informado que só se revela na medida em que é submetido a uma operação que expõe a sua linguagem. A essa operação dá-se o nome de Percepção Ambiental. (FERRARA, 1999)

No dia seguinte, após todos se acomodarem, continuamos a aula anterior, e começaram os relatos sobre o que encontraram pelo caminho. A maioria estava indignada com tanta poluição e tanta sujeira pelas ruas. Então lancei a pergunta: Mas quem será que polui tanto o nosso meio ambiente? Um olhou para o outro, hesitaram um pouco para responder, até que um aluno disse: as pessoas. E então todos concordaram com ele. Alguns começaram a policiar seus próprios atos, como uma aluna que confessou que ela mesma, às vezes, apontava o lápis no chão, e não no lixo. E logo se retratou, dizendo que não faria mais isso.

Outro aluno disse que seu pai também acumulava lixo no quintal, e que iria sugerir que o pai fizesse uma faxina e jogasse tudo fora. A conversa se estendeu até a hora do recreio, e ficamos combinados de reparar durante o recreio, nas crianças que jogassem lixo no chão da escola, e não na lixeira.

Após o retorno do recreio, muita decepção por parte dos alunos foi o que encontrei na sala de aula. “Professora, tem um menino da outra sala que jogou lixo no chão. Eu sei quem é ele, vamos lá, eu mostro quem é...” “ Eu vi um monte de gente jogando lixo no chão, até lanche eu vi jogado no chão...” “ Eu falei pra uma menina jogar no lixo e não no chão da escola...”. Enfim, todos estavam indignados com essa situação, o que me pareceu muito satisfatório. Marcamos então um dia para assistir a um vídeo sobre meio ambiente, com a Turma da Mônica de Maurício de Souza, e todos se animaram com a ideia.

No dia da apresentação do vídeo, fomos todos assistir, e as crianças gostaram muito. Além dos tipos de poluição que eles já conheciam, aprenderam também que existem vários fatores de poluição do nosso planeta, não só o lixo. A maioria ficou com pena da poluição dos rios, ao ver que os peixes são prejudicados com a sujeira jogada nos rios, e também se interessaram ao ver que os veículos automotivos também poluem e muito, o meio ambiente. Depois da sessão, voltamos para a sala de aula, conversamos sobre o que mais chamou a atenção de cada um,

e em seguida fizeram uma ilustração sobre o vídeo que assistiram e ao ilustrar, me contavam qual cena estavam desenhando.

Combinamos então de fazer uma visita ao Aquário Marinho de Paranaguá, para que pudessem conhecer as espécies que ali vivem. A animação foi geral, todos muito curiosos e ansiosos para o passeio. Assim que a pedagoga da escola conseguiu marcar o dia, já providenciamos as autorizações para que os pais as assinassem, concordando em mandar seus filhos ao passeio. Iniciou-se então a contagem regressiva para o grande dia. As crianças estavam impacientes à espera do dia da aula-passeio, pois a grande maioria nunca tinha visitado o Aquário Marinho de Paranaguá, mas já tinham ouvido falar das espécies que encontrariam por lá. Colocamos um calendário na sala, e pintávamos os dias conforme iam passando, para que as crianças pudessem ter uma noção de quantos dias ainda faltava para o passeio. Eles mesmos me lembravam de pintar o dia no calendário quando acaso eu não o fazia, e recontávamos quantos dias ainda faltavam.

Enquanto o dia não chegava, fomos trabalhando durante as aulas sobre a água, principalmente sobre a poluição de rios e mares, e o quanto essa poluição é prejudicial aos seres vivos que habitam esses ambientes. Também expliquei que aqueles animais que encontraríamos no Aquário Marinho, precisam ficar em ambientes que sejam o mais parecido possível do seu habitat natural, e que existe uma grande preocupação por parte dos biólogos que ali trabalham, com relação à alimentação desses animais, inclusive da temperatura ideal da água e até mesmo da quantidade de luz que determinados animais podem receber. As crianças ouviam com atenção, e alguns deles falavam de espécies de peixes que já conheciam ou que já tinham visto, ou ao vivo, ou mesmo pela televisão ou livros, fazendo uma relação entre o que estavam aprendendo na aula e o que já sabiam previamente sobre o assunto.

Chega então o tão esperado dia. Como a aula-passeio foi agendada para às 14:00 horas, as crianças tiveram aula normal pela manhã. Ao chegar na sala de aula, alguns já iam dizendo: “É hoje né professora?” E eu então respondi: “É hoje o que?” “Ah, o passeio ao Aquário, é hoje sim!” E então confirmei: “É sim, hoje mesmo...” Foram entrando e se agrupando, já fazendo planos para a tarde.

Depois de todos acomodados, pedi a atenção de todos para que pudéssemos fazer os nossos combinados, explicar como seria a organização e comportamento

durante a aula-passeio. Expliquei que deveríamos ficar todos juntos, prestar atenção pois tínhamos uma guia dentro do Aquário durante todo o passeio, nos mostrando as espécies e nos contando as curiosidades sobre cada animal. Solicitei também que todos prestassem muita atenção em tudo, pois depois iríamos conversar sobre o passeio na próxima aula, e faríamos uma atividade referente a essa aula-passeio.

Às 13:30 horas retornei então à escola, fiz a chamada e logo o ônibus chegou. A pedagoga foi até a sala de aula e conversou brevemente com as crianças, explicando que deveriam se comportar e aproveitar o passeio, pois iriam aprender muita coisa interessante com ele. Embarcamos então rumo ao Aquário Marinho de Paranaguá. Chegando lá, as crianças foram divididas em três grupos para melhor aproveitamento. A nossa guia então se apresentou para as crianças e começou o passeio. A cada animal que ela apresentava à turma, uma nova descoberta, a cada novidade, muitos olhares surpresos. Alguns animais eles reconheceram, como o peixe-palhaço, que alguns já tinham visto no filme Procurando o Nemo. Estavam muito animados. Nós, as professoras, tivemos que ficar muito atentas para que nenhum deles se distanciasse do grupo, pois queriam ver tudo ao mesmo tempo. Perguntavam sobre tudo o que viam, e também sobre o que não viam, queriam aprender sobre todas as espécies em um só dia. No entanto, quando a guia perguntou se algum deles gostaria de tocar no peixe arraia, nenhum deles se habilitou, todos ficaram com medo e preferiram apenas vê-la lá na água e apreciar sua beleza sem se aproximar muito.

Depois de ver todos os animais do Aquário, a aula-passeio chegou ao final. A guia finalizou a visita e agradeceu a presença de todos.

Foi então que uma aluninha, indignada, olhou para a guia e questionou: “Mas você não mostrou a sereia!” e outro disse: “Verdade! Nem a baleia!”. A guia sorriu e disse que ficaria devendo essas duas espécies para eles, mas que tentaria providenciá-las para uma próxima visita, quem sabe!

No retorno para a escola estavam todos muito felizes e falantes, perguntando uns para os outros sobre os animais que conheceram. Chegando na escola, algumas mães já estavam esperando por eles, nos despedimos e ficamos de conversar sobre o que aprenderam na próxima aula.

Na manhã seguinte, todos queriam falar sobre as experiências, sobre o que viram, sobre o que descobriram. Um aluno perguntou: “Tia, hoje nós não vamos de novo no Aquário?” Outro já interferiu dizendo:”Vocês viram o tubarão?”

Fizemos então uma conversa sobre as descobertas, onde todos puderam falar, em sua vez, o que mais gostaram de ver no Aquário. Posteriormente a isso, solicitei que todos fizessem um desenho sobre o que mais gostaram na aula-passeio. (Anexo VII)

A finalização da prática foi a elaboração e exposição de um painel na escola, com os desenhos feitos pelos alunos e as fotos da aula-passeio. (Anexo VI)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (2012), a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, devem utilizar:

1. Emprego de recursos pedagógicos que promovam a percepção da interação humana com a natureza e cultura, evidenciando aspectos estéticos, éticos, sensoriais e cognitivos em suas múltiplas relações;
2. Desenvolvimento de projetos multidisciplinares e interdisciplinares que valorizem a dimensão positiva da relação dos seres humanos com a natureza, valorizando ainda a diversidade dos seres vivos, das diferentes culturas locais, da tradição oral, entre outras;
3. Promoção do cuidado para com as diversas formas de vida, do respeito às pessoas e sociedades, e do desenvolvimento da cidadania ambiental.

Dessa forma, tentei elaborar um projeto de intervenção que pudesse de alguma forma colaborar para a realização das propostas das Diretrizes Nacionais, e ao mesmo tempo utilizar problemas ambientais presentes no cotidiano dessas crianças para esse trabalho, juntando a realidade dessa comunidade com o projeto de intervenção.

A princípio parecia algo muito difícil de colocar em prática, acredito que a maior dificuldade foi encontrar uma metodologia onde eu pudesse desenvolver um projeto de intervenção de Educação Ambiental com crianças de 1º ano, não alfabetizadas, o que me parecia muito complexo. Muitas ideias surgiram, mas na prática não dariam certo.

No entanto, quando defini o que seria desenvolvido e comecei a colocar em prática esse projeto, todas as inseguranças e questionamentos foram desaparecendo pouco a pouco. As crianças se mostraram muito mais interessadas nas questões ambientais do que eu poderia imaginar e a cada nova atividade eu tive novas surpresas muito agradáveis.

Pude notar que os pequenos sabem sim o que é poluição ambiental, e entendem também que não podem poluir o meio ambiente, pois estão poluindo seu próprio habitat, e sabem das consequências de jogar lixo tanto em um rio ou em

uma rua. Demonstraram muita curiosidade quando se tratava de alguma informação nova que surgia, e depois de aprender, sempre tornavam a repetir em outras aulas o que já tinham aprendido. As histórias trouxeram lições aos alunos, e pude ver em suas ilustrações que souberam interpretar muito bem cada uma delas, inclusive o conceito de Meio Ambiente. Foi também extremamente proveitoso o passeio ao Aquário Marinho, onde puderam ver de perto as espécies que habitam os rios e mares que são tão poluídos, e assim puderam fazer uma reflexão sobre esse assunto.

Assim, tive ótimas impressões e pude ver esse projeto desleixar muito melhor do que eu esperava, com ótimos resultados e alunos muito mais interessados agora por questões ambientais. Acredito que foi um pontapé inicial para uma série de outros projetos que eu possa vir a desenvolver com eles nessa área, e que além de ensinar, pude aprender muito com eles também.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, José Serapião. Jogos para o Ensino de Conceitos. Campinas: Papirus, 1997.

AMARILHA, M. Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Educação Popular na Escola Cidadã. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997.

CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação, 2004

CUNHA, N.H.S. A Brinquedoteca Brasileira: O Lúdico em Diferentes Contextos. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 1997

DEMO, P. Educar Pela Pesquisa. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

FREINET, C. As técnicas Freinet da escola moderna. Lisboa: Estampa, 1975.

FREINET, C. O itinerario de Celestin Freinet: a livre expressão na pedagogia de Freinet. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

FREINET, C. O Texto livre. Lisboa/Portugal. Editora Dinalivros, 1976

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: Revista de Administração de Empresas - RAE, v.35, n.2, mar./abr., 1995, p.57-63.

KLOETZEL, K. O. O que é meio ambiente. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998

LA ROSA, Angela. Esperança. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011 (Coleção Planeta Natureza)

LA ROSA, Angela. O macaco Maneco. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011 (Coleção Planeta Natureza)

LA ROSA, Angela. Rosa Morena. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011 (Coleção Planeta Natureza)

LOPES, J. FREINET. Disponível em <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eiXo7/didática/unidade2/materiais_didaticos/freinet_link8.pdf>

REGO, T. C. 1999. Vygotsky: uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação. Rio de Janeiro, Vozes, 138 p.

Roncaglio, Cynthia; Janke, Nadja. / Desenvolvimento Sustentável Curitiba: IESDE Brasil S.A. , 2009

SCARPATO, M. (Org.) (2004). Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer. São Paulo: Editora Avercamp

SATO, Michele. Educação Ambiental. São Carlos: Rima, 2003

SAVELI, E. et al. Infância e educação na obra de Freinet. In: OLIVEIRA, M.S. (org). Fundamentos Filosóficos da Educação Infantil. Maringá, 2005.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeira aproximações. 7.ed. Campinas: Autores Associados, 2000

TESCH, Renata. Qualitative research: analysis types and software tools. Basingstoke: The Falmer Press, 1990.

www.ccsa.ufrn.br/ccsa/docente/marlyamar/download/inf_e_lit.doc

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2471-8.pdf>

http://educacaoefreinet.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html

http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5938_2883.pdf

<http://www.maiza.com.br/adm/producao/11.pdf>

portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao13.pdf

ANEXO I



Desenho de aluna do 1º ano A sobre “O que é Meio Ambiente?”. Foto de arquivo da autora (2014)

ANEXO II



Desenho de aluna do 1º ano A sobre o vídeo “Um Plano para Salvar o Planeta” da Turma da Mônica (Maurício de Souza produções). Foto de arquivo da autora (2014)

ANEXO III



Desenho de alunos do 1º ano A sobre o livro: O macaco Maneco. Foto de arquivo da autora (2014)

ANEXO IV

LARA



Desenhos de alunos do 1º ano A sobre o livro Esperança. Foto de arquivo da autora (2014)

ANEXO V



Desenho de alunos do 1º ano A sobre o livro: Rosa Morena. Foto de arquivo da autora (2014)

ANEXO VI



Aula-passeio ao Aquário Marinho de Paranaguá. Foto de arquivo da autora (2014)

ANEXO VI



Aula-passeio ao Aquário Marinho de Paranaguá. Foto de arquivo da autora (2014)

ANEXO VI



Aula-passeio ao Aquário Marinho de Paranaguá. Foto de arquivo da autora (2014)

ANEXO VII



Ilustrações dos alunos do 1º ano A sobre o passeio ao Aquário Marinho de Paranaguá. Foto de arquivo da autora (2014)